

## NOTA DE IMPRENSA

### INAUGURAÇÃO

**26.09.18**

**19h00**

**27.09.18 – 20.01.19**



**Carlos Relvas** Sem título [Carlos Relvas com Margarida Amália Relvas e familiares no primeiro estúdio fotográfico, Golegã]  
Prova estereoscópica atual a partir de negativo original em colódio húmido, c. 1867-1869  
Casa Estúdio Carlos Relvas, Golegã, Inv. 00029-000-035

## **Carlos Relvas (1838-1894)** **Vistas Inéditas de Portugal. A Fotografia nos** **Salões Europeus**

### **CURADORIA**

**Victor Flores, Ana David Mendes, Denis Pellerin, Emília Tavares**

### **RUA CAPELO**

Carlos Relvas é um dos fotógrafos amadores mais reconhecidos na história da fotografia portuguesa do século XIX. Esta exposição teve como ponto de partida um projeto de investigação (CICANT— Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) dedicado ao estudo da fotografia estereoscópica de Carlos Relvas e à sua importância nos primeiros anos da atividade deste fotógrafo, entre 1862 e 1874, um dos períodos menos conhecidos da fotografia de Carlos Relvas.

Para o seu estudo foi decisivo o cruzamento das imagens do arquivo da Casa-Estúdio Carlos Relvas com as coleções de cinco instituições e de vários particulares, revelando um conjunto considerável e inédito de provas originais em albumina. Este ambicioso levantamento

permitiu a redescoberta de retratos e de vistas de Portugal que testemunham uma prática rigorosa de diferentes técnicas, géneros e formatos fotográficos, dando uma configuração mais ampla e dinâmica ao primeiro período da obra fotográfica de Carlos Relvas.

Organizada em dez núcleos principais, a exposição destaca a primeira presença de Carlos Relvas na exposição da *Sociedade Promotora de Belas Artes* em 1868 e a sua internacionalização com a participação nas exposições de alguns dos principais salões fotográficos europeus, como a reputada *Société Française de Photographie*, a *Exposição Universal de Viena* ou a *Exposição Nacional de Madrid*.

A partir do seu trabalho deste período é possível aprofundar e revelar novas facetas de algumas das questões fundamentais da fotografia portuguesa de oitocentos. Como as relações de cumplicidade de Carlos Relvas com alguns dos mais importantes pintores deste período, permitindo delinear, pela primeira vez, a natureza do diálogo entre a fotografia e a pintura do século XIX português. Ou a predominância nos salões da fotografia patrimonial e de paisagem enquanto meio privilegiado de divulgação do país, através de uma prolífica produção que se centrará nalguns dos locais de eleição do Romantismo português e noutros que se tornam símbolos patrimoniais de identidade nacional.

A exposição consagra um importante destaque ao exímio fotógrafo retratista através de uma análise da evolução desta tipologia no seu percurso, desde o primeiro estúdio ainda improvisado até à sofisticação técnica e arquitetónica do segundo, um dos raros estúdios de fotografia do século XIX construído de raiz, e ainda preservado na sua terra natal da Golegã.

A investigação de um autor e de uma época, uma vez mais com o apoio do MNAC-MC, na produção e divulgação de projetos inéditos para o conhecimento da história da fotografia em Portugal.

## **10 NÚCLEOS**

### **1. Fotografia e Património**

Em Portugal, o nascimento de um conceito patrimonial arquitetónico e móvel surge no rescaldo das lutas liberais (1828-1834) e a extinção das ordens religiosas, que levaria ao abandono de muitos monumentos e do seu valioso património. Durante a Regeneração (1851-1868), surge a defesa de uma política patrimonial, no quadro de um programa fundador da história portuguesa e da identidade nacional. A fotografia viria a ser determinante no inventário patrimonial, quer através de iniciativas públicas quer através da fotografia amadora. O arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva e os fotógrafos Henrique Nunes ou Carlos Munró desenvolveram importantes campanhas fotográficas neste âmbito. Carlos Relvas prosseguiria este espírito, através de relevantes imagens de alguns dos monumentos chave na construção duma ideia nacionalista de património, como o Mosteiro da Batalha, Alcobaça, Jerónimos ou o Convento de Cristo, em Tomar. Neste núcleo, as suas imagens são colocadas em diálogo com a obra de outros autores, permitindo assim uma visão alargada dos resultados fotográficos destas campanhas. E.T.

### **2. e 3. Fotografia e Belas-Artes**

A admissão da fotografia aos salões de belas-artes, muito embora pareça não ter gerado tanta polémica como noutros países, teve os seus temas significativamente confinados à reprodução de obras de arte e à

fotografia patrimonial, estabelecendo-se assim uma clara fronteira entre os géneros da pintura e os da fotografia. A *Sociedade Promotora de Belas-Artes* (1860-1899) foi uma das instituições artísticas mais relevantes na segunda metade do século XIX, e os seus salões incluíram a fotografia a partir de 1866. Carlos Relvas foi admitido como sócio em 1864, e só quatro anos depois exporia na 7<sup>a</sup> *mostra da Sociedade Promotora de Belas-Artes* (1868) com um vasto elenco de fotografia de monumentos que são apresentadas neste núcleo. Oportunidade também para apresentar desenvolvimentos na investigação sobre a relação de Carlos Relvas e os pintores da sua época, sobretudo, através do caso já conhecido de José Malhoa (1855-1933) e das importantes relações com José Ferreira Chaves (1838-1899), provavelmente o responsável pela sua admissão como sócio e expositor nos salões da *Sociedade Promotora de Belas-Artes* E.T.

#### 4. Os Salões de Fotografia Europeus

Logo após ter participado na exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes, em Outubro de 1868, Carlos Relvas inicia uma estimulante carreira internacional que o põe em contacto com os principais nomes e inovações da fotografia internacional. O ponto de partida foi a reputada *Sociedade Francesa de Fotografia* onde Carlos Relvas é admitido como membro em Fevereiro de 1869, vindo a participar regularmente nas exposições desta Sociedade com núcleos muito diversificados de géneros fotográficos, assim como de vistas e de monumentos nacionais. Rapidamente se sucedem as primeiras medalhas: Prata (na exposição de 1870 da *Sociedade Francesa de Fotografia* e na *Exposição Nacional de Madrid* em 1873) e Progresso (*Exposição Universal de Viena*, 1873). A crítica da época reconheceu o seu mérito técnico e artístico, bem como a importância da sua projeção internacional. Nesta sala são apresentadas as imagens originais e os documentos mais representativos destes primeiros cinco anos (1869 a 1874) do percurso internacional de Carlos Relvas, cuja identificação foi pela primeira vez realizada através do cruzamento entre os catálogos, os relatórios oficiais e as memórias descritivas das exposições, em articulação com a imprensa da época. V.F.

#### 5. As Primeiras Fotografias

Carlos Relvas começou por fotografar o que lhe era próximo e familiar. Os temas predominantes no primeiro período da sua atividade fotográfica foram a sua família, a Golegã e o seu primeiro estúdio. A infância dos seus filhos e o convívio com a família da sua mulher (os Podentes) criaram a oportunidade para algumas das suas primeiras sessões fotográficas em estúdio. No exterior privilegiou as vistas da Golegã e arredores, bem como o seu primeiro estúdio fotográfico que foi objeto de divulgação na imprensa da época, através de gravuras. Neste núcleo destacamos também a importância da fotografia como futuro meio de difusão massiva da imagem, ainda em disputa com a gravura, o único meio, até então, de reprodução tipográfica de imagens. Tal como aqui se demonstra, Carlos Relvas participa nesta transição fotografando as famosas gravuras de temas bíblicos do ilustrador Gustave Doré. V.F.

#### 6. Na Câmara Escura

O retrato foi um dos géneros fotográficos que garantiram maior reconhecimento a Carlos Relvas. Adotando os formatos internacionais da *carte de visite* (10 x 6,3 cm), com grande sucesso na década de 50, a partir de meados da década de 60, Carlos Relvas especializa-se no formato do cartão álbum (ou *cabinet card*) (17 x 11 cm). O desafio técnico destas novas dimensões propicia o investimento em luxuosos cenários e adereços que enriquecem as composições e estimulam a sua criatividade. Por outro

lado, as imagens têm mais detalhes, o que cria uma necessidade acrescida de retoque, como se demonstra nesta sala através de alguns negativos exemplificativos do trabalho de laboratório antes da impressão da imagem positiva final. Este novo formato acompanha a evolução da carreira de Carlos Relvas que viria a produzir cerca de 20 séries de *retratos álbum*, permitindo estabelecer uma vasta tipologia de poses, de cenários e de chancelas do seu estúdio. V.F.

#### 7. As Séries Estereoscópicas e a Paisagem

A estereoscopia foi uma das principais técnicas fotográficas adotadas por Carlos Relvas durante as primeiras décadas da sua atividade (1860-1880). Este é também o período mais próspero para a produção de estereoscopia em toda a Europa, tornando-a particularmente popular para a divulgação das vistas de paisagem, monumentos e temas mais lúdicos. Os formatos mais pequenos dos negativos (11x20cm) e os melhores efeitos alcançados nas vistas com profundidade, fizeram com que Carlos Relvas seleccionasse a fotografia estereoscópica para as suas sessões no exterior, combinando-a frequentemente com vistas monoscópicas muito semelhantes. A exigência de um laboratório portátil para a revelação imediata da emulsão de colódio húmido não foi impedimento para um levantamento intenso e muito diversificado de cidades e monumentos nacionais, publicado neste período em séries de cartões estereoscópicos de cores garridas e que constituem um inventário paisagístico e patrimonial do país. V.F.

#### 8. Atelier Relvas – Uma Reconstituição

O primeiro atelier de fotografia de Carlos Relvas foi construído no jardim da sua propriedade do Outeiro em 1863, e cerca de dez anos depois daria lugar ao novo projeto de raiz da imponente Casa-Estúdio que subsiste até hoje na Golegã. Desse primeiro atelier restaram várias fotografias de Carlos Relvas que nos permitem reconstituir com alguma proximidade o seu ambiente interior e exterior. Através da moderna tecnologia da realidade virtual, apresenta-se aqui uma viagem imersiva, visual e sonora, a esse primeiro estúdio, ainda de grande simplicidade mas com alguns dos adereços que viriam a acompanhar Carlos Relvas ao longo da sua carreira. Esta é também uma oportunidade para manusear os seus cartões estereoscópicos, ver as suas imagens com efeito 3D e espreitar os seus versos com informações inéditas sobre a sua carreira. A.D.M.

#### 9. Imagens Resgatadas

Carlos Relvas foi certamente um dos maiores produtores nacionais de imagens estereoscópicas em colódio húmido. Nesse legado, agora em análise, mostra um enorme domínio na produção da imagem em relevo em qualquer dos temas que fotografa. Quer seja património edificado, artístico, ou paisagem natural, a composição e o ponto de vista adotados resultam em imagens de grande efeito imersivo. Neste núcleo apresentamos um conjunto de imagens estereoscópicas inéditas, das quais não se conhecem positivos e que resgatámos ao seu acervo para as dar a conhecer através de um dispositivo atual de projeção 3D polarizada. A.D.M.

#### 10. A Casa Estúdio e Novas Técnicas

A Casa Estúdio Carlos Relvas, construída entre 1873 e 1875, representa o apogeu técnico da arte da

fotografia no século XIX. Este atelier, ímpar na Europa de então, não só representa uma extraordinária e inovadora peça de arquitetura de ferro e vidro em contexto privado, como simboliza um glamour inédito na fotografia nacional. Muito embora esta exposição esteja centrada nos doze primeiros anos da sua atividade (1862-1874), este núcleo remete-nos para alguns dos principais desenvolvimentos técnicos e artísticos de Carlos Relvas nas duas décadas seguintes. É o caso de imagens de registo do quotidiano, verdadeiros instantâneos que o processo mais rápido da gelatina e sais de prata veio permitir, ou o seu papel relevante como um dos introdutores do importante processo de reprodução fotográfica, a fototipia. Um percurso que continuou a pautar-se pela inovação e pela internacionalização dos seus interesses e do seu prestígio. A.D.M.

**Apresentação de um conjunto muito significativo e inédito de provas originais de época, em albumina, da autoria de Carlos Relvas.**

**Relação inédita entre a pintura Romântica e Naturalista portuguesa e a Fotografia, nos Salões da Sociedade Promotora de Belas Artes.**

**Sala de Realidade Virtual com reconstituição em realidade expandida (3D) do primeiro estúdio fotográfico de Carlos Relvas.**

**Cerca de 300 imagens distribuídas por 10 núcleos.**

**Diversa Documentação (álbuns de fotografia, publicações fotográficas de época), Material Fotográfico, e Material de Estúdio.**

**10 pinturas (Ferreira Chaves, José Malhoa, Guilhermina Reis, Francisco José Resende, José Rodrigues, entre outros)**

### **Emprestadores**

Arquivo de Documentação Fotográfica da DGPC, Biblioteca da Ajuda, Casa Museu Carlos Relvas-Golegã, DGLAB- Centro Português de Fotografia, Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Museu da Imagem em Movimento – m|i|mo, Palácio Nacional da Ajuda, Parques de Sintra – Monte da Lua, Societé Française de Photographie, Alexandre Ramires, António Pedro Vicente, António Ramires, Maria Luísa Madeira, Mario Fernández Albanés, Nuno Borges de Araújo, João José P. Edward Clode, Victor Flores.

### **Visitas guiadas**

29 setembro, sábado, 16h00 - Ana David, Victor Flores (no âmbito das JEP)

18 outubro, quinta-feira, 18h30 – Ana David, Victor Flores

### **Catálogo**

Lançamento no MNAC em dezembro em data a anunciar.

200 pp

4 ensaios dos curadores da exposição

Visor estereoscópico

